

humanitas

Vol. LVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. LVI • MMIV



Méchoulan, Henry: *Les juifs du silence au siècle d'or espagnol* (Paris, Albin Michel, 2003). ISBN 2-226-14271-1

A diáspora judaica é ciclicamente objecto de atenção por parte de estudiosos de diversas áreas, com particular destaque, como é bom de ver, para a história. No âmbito desses estudos, a Península Ibérica ocupa lugar de grande relevo. Neste caso, estamos perante um interessante trabalho sobre a vivência dos criptojudéus peninsulares no período compreendido entre 1550-1650. Após uma breve introdução geral, a obra subdivide-se em seis capítulos centrais, subordinados aos seguintes títulos: «A l'origine du cryptojudáisme», «Le cryptojudáisme», «Le secret et la peur», «Quelques procès», «La grande peur des vieux chrétiens, ses conséquences sociales, économiques et intellectuelles» e «Quelques grandes figures issues du cryptojudáisme». Méchoulan pretende cingir-se, como o próprio título indica, ao período de tempo que corresponde ao que convencionou chamar-se o *siècle d'or espagnol*. Esta designação, comum na historiografia espanhola, talvez não seja a mais apropriada para abarcar o fenómeno do criptojudáismo peninsular, que não pode ter, em nossa opinião, um tratamento indiferenciado. E isso não se deve apenas a uma mera questão formal, antes pelo contrário, não parece correcto afirmar que a perspectiva adoptada seja a mais adequada. A centralidade de Portugal no que respeita ao criptojudáismo peninsular, no período pós-1497, quanto a nós, é indiscutível. Convém acentuar que foi daí, desde as primeiras décadas de Quinhentos, que partiu o grosso dos criptojudéus das várias comunidades sefarditas, o que redobra a importância que deve ser atribuída a essa centralidade.

O próprio autor está consciente de que «Le cryptojudáisme n'est pas univoque ou monolithique» (p. 43). Deve sublinhar-se, porém, que o estudo não acentua a forma necessariamente diversa como foi vivido o criptojudáismo nas duas monarquias peninsulares nem apresenta com clareza a posição singular e única que o espaço português ocupa nesse domínio. De facto, Méchoulan não se atém unicamente ao estudo do criptojudáismo no espaço espanhol. Pelo contrário, em variadas e repetidas ocasiões, sente a compreensível necessidade de ilustrar e fundamentar a sua exposição com exemplos e figuras emblemáticas de criptojudéus portugueses. Não nos parece que esta questão seja de somenos importância, pois é essencial procurar entender as diferenças e as motivações próprias que nortearam, em cada momento, cada uma das comunidades. Em particular, convém não esquecer as razões de fundo que fazem de Portugal uma referência central e incontornável no estudo do criptojudáismo e da diáspora sefardita.

A antiga tradição historiográfica transmite frequentemente a falsa ideia de que Portugal foi apenas um simples ponto de passagem de um número alargado de judeus vindos de Espanha, em 1492, os quais se juntaram aos supostamente poucos e, também supostamente, não tão importantes judeus que desde há muito

viviam em Portugal. O fenómeno do bilinguismo português-castelhano, reflectido nas obras redigidas em língua castelhana por muitos escritores cristãos-novos portugueses dos séculos XVI e XVII, associado ao período da união ibérica (1580-1640), constituem mais dois factores que contribuíram para dar crédito e sustentação à referida tradição.

A realidade, porém, mostra-nos uma face completamente distinta. Há uma vasta comunidade judaica perfeitamente enraizada e florescente em Portugal, que precede a chegada dos seus correligionários do país vizinho. A expulsão dos judeus do território português, em 1497, executada de início de forma mais simulada que efectiva, e a tardia implantação da Inquisição no nosso país, deu azo a que as primeiras décadas de Quinhentos constituíssem uma época de relativa paz e prosperidade para os cristãos-novos residentes em Portugal. Nesse período, o criptojudaísmo desenvolveu-se com alguma liberdade no país, dando mesmo lugar a manifestações públicas de messianismo, de que são exemplo as trovas do Bandarra ou a saga de Diogo Pires, *alias* Salomão Molcho, e de David Reubeni (pp. 61-64). De facto, a conversão forçada dos judeus, por imposição de D. Manuel, coincidiu com o momento áureo da expansão portuguesa e, naturalmente, foi nesse meio e nessas circunstâncias que os cristãos-novos se envolveram desde o primeiro momento no comércio dos produtos quer da metrópole quer das colónias, em particular as especiarias, o sal e o açúcar, e em todas as actividades que lhe estavam associadas.

A experiência e o capital adquiridos pelos judeus portugueses, nos primórdios da expansão portuguesa no século XIV, engrossados mais tarde com a vinda dos seus correligionários espanhóis, formaram uma comunidade capaz de aproveitar as novas e únicas oportunidades que iam surgindo em África, no Oriente, no Brasil e também nas colónias espanholas. A descoberta do caminho marítimo para a Índia veio revolucionar por completo todo o sistema em que assentava o comércio mundial de especiarias. O tráfico de escravos, por exemplo, um dos negócios mais rendosos nos séculos XVI e XVII, foi quase sempre dominado por cristãos-novos portugueses quer se dirigisse às colónias portuguesas ou às espanholas.

O florescimento económico, alicerçado sobretudo na intensa actividade comercial, depressa criou as condições favoráveis para que cada vez mais membros desta comunidade tenham aproveitado as oportunidades que se lhes ofereciam para atingir uma posição cimeira em várias áreas da vida financeira e comercial e do saber, quer dentro quer fora de Portugal. Do comércio à medicina, da literatura à alta finança, da ciência em geral ao ensino universitário, da filosofia à imprensa, nestas e noutras áreas, não seria difícil encontrar vários nomes de cristãos-novos portugueses que se notabilizaram, nacional e internacionalmente, nos séculos XVI e XVII.

A participação destacada desta comunidade no grande comércio transoceânico português e, mais tarde, espanhol, tanto no século XVI como no XVII, é uma

das actividades mais importantes que contribui decisivamente para a criação e fixação de comunidades judaico-portuguesas em Londres, Antuérpia, Veneza, Ferrara ou Ancona, desde as primeiras décadas de Quinhentos. Os membros da Nação Portuguesa, regra geral, assumem-se como portugueses e, não obstante a expulsão e, posteriormente, a severa acção do Tribunal do Santo Ofício, mostram não poucas vezes orgulho nas suas origens lusas. O sentimento de apego à pátria e de saudade que perpassa pelos versos do poeta eborense Diogo Pires não parece ser fingido nem ser caso isolado. Manifesta-se, de forma explícita e com regularidade, em fontes documentais e literárias diversas. No entanto, nem sempre assim acontece. Méchoulan apresenta um excerto do discurso proferido, em 1642, por ocasião da visita do príncipe Frédéric-Henri e da rainha Henriette-Marie à sinagoga de Amsterdão, pelo judeu português Manuel Dias Soeiro, *alias* Menasseh ben Israel, em que este afirma solenemente que a pátria dos seus correligionários já não era Portugal ou Espanha mas a Holanda (p. 214). Não há dúvida de que a pátria, por vezes, é madrasta para os seus filhos mas, quer queiramos, quer não, há sempre alguma coisa que nos liga para sempre ao lugar onde nascemos e demos os primeiros passos. Amor e ódio, saudade e repúdio enredam-se de forma inextricável no seio dos sentimentos suscitados pela memória da pátria. Foram muitos os cristãos-novos que ficaram em Portugal e mantiveram contacto com os seus familiares e conterrâneos dispersos pelo mundo. Ao longo dos séculos XVI e XVII estabelece-se uma rede de contactos entre os que permaneceram e os que partiram, a qual partilha com frequência o mesmo caminho das rotas comerciais. Como comprovam alguns processos inquisitoriais, ao contrário do que talvez se esperaria, há mesmo vários exemplos de cristãos-novos que regressam do estrangeiro, por motivos diversos, à pátria que os viu nascer.

De facto, não é por acaso que são em grande medida cristãos-novos portugueses os homens que, em Lisboa e Antuérpia, lançam as bases do capitalismo moderno e do grande comércio transoceânico. São estes homens que assumem um papel decisivo e incontornável na diáspora sefardita, organizando e financiando redes de apoio à emigração dos seus conterrâneos menos favorecidos. A formação da comunidade sefardita de Amsterdão, a que Méchoulan dedicou importantes trabalhos, tem indiscutivelmente por detrás de si as actividades da pioneira e empreendedora comunidade judaico-portuguesa, sediada na plataforma comercial de Antuérpia, desde as primeiras décadas do século XVI. Foram os membros do famoso Consórcio da Pimenta, que estiveram na base do grande comércio internacional associado, primeiro, às especiarias, em particular à pimenta, e depois alargado a muitos outros produtos provenientes da metrópole e das colónias portuguesas. Nessa primeira metade de Quinhentos foram lançadas as sólidas raízes de uma estrutura alargada de base comercial, cultural e religiosa, assente em redes familiares, cujos membros se encontravam dispersos

pelas grandes praças comerciais europeias. Não admira que a comunidade judaico-portuguesa tenha uma importância decisiva tanto em Antuérpia quanto em Amsterdão, a partir de onde, mais tarde, assume mesmo um papel crucial no financiamento do esforço de guerra que levou Portugal à restauração da independência, em 1640. Méchoulan, cuja obra é dedicada aos judeus do silêncio do século de ouro espanhol, no capítulo VII, tem necessidade de evocar «les personnalités de quelques anciens cryptojuifs, qui ayant réussi à quitter la péninsule ibérique, revinrent au judaïsme». Pelo que se diz acima, não nos surpreende que de entre as seis eminentes individualidades do séc. XVII citadas por Méchoulan - Menasseh ben Israël, *alias* Manuel Dias Soeiro, Abraão Pereira, Manuel Fernandes Vila Reai, Fernando Isaac Cardoso, Uriel da Costa e Antonio Enriquez Gómez - de entre todos, apenas o último seja espanhol.

Méchoulan conclui o seu estudo com a afirmação de que «Le judaïsme sépharade qui s'épanouit sur les bords de l' Amstel dès le début du XVIIe siècle devait tout aux souffrances et à l' obstination des cryptojuifs qui réussirent à gagner ce havre de paix où ils édifièrent un judaïsme reconnu et respecté dans ce qu'on appela la «Jérusalem du Nord». As tribulações do povo hebraico há muito que tinham tido início. Esta foi, sem dúvida, mais uma dura etapa, que nem todos cumpriram da mesma forma. Uns ficaram, outros partiram: das margens do Tejo às do Escalda, das margens do Pó às do Amstel, foram muitos e variados os caminhos trilhados pelos «Senhores do Desterro de Portugal», a quem Samuel Usque dedica o prólogo da *Consolação às tribulações de Israel*.

A obra de Méchoulan é, pois, um excelente contributo para o estudo dessa época e para a compreensão do papel, de importância indesmentível, que os criptojudeus nela desempenharam. É de saudar, por isso. Pena é que (e não se veja nestas palavras qualquer bairrismo seródio) tenha confundido dois países e duas culturas que têm, apesar de tudo, as suas especificidades, isto é, Portugal e Espanha, deixando diluir, de uma forma pouco clara, pouco precisa e, sobretudo, pouco consistente, a primeira na segunda.

António Andrade

SÁNCHEZ Sal or, E.: *De las "elegancias" a las "causas" de la lengua: retórica y gramática del humanismo* (Alcañiz-Madrid, Instituto de Estudios Humanísticos, 2002), 607 p. ISBN: 84-8483-082-9

En el prólogo a esta obra, añorada y necesaria, señala el profesor Luis Gil que quizá el título «no manifieste en su elegante concisión la riqueza de su contenido». Yo añadiría que el juicio sería más acertado si hubiese suprimido el «quizá». En efecto, no estamos sólo ante una monografía que abarca el período,